

# **KINOTEL**

**Curta metragem de Christine Reeh**

1. Notas sobre ambiente, realização, música e decórs
2. Argumento cinematográfico

## AMBIENTE DO FILME:

Ambiente entretecido de sonho labiríntico. Intemporalidade misteriosa. Beleza fantasmagórica. Futurismo barroco. Surrealismo futurista. Alienação enigmática. Jogo conceptual.



## REALIZAÇÃO ARTÍSTICA:

Os princípios de APROPRIAÇÃO e CITAÇÃO são a inspiração e o método de trabalho em *KINOTEL* (como acontece muito nos contextos das artes visuais ou da música contemporânea). A narrativa evolui de uma distância humana e neutralidade assumida para um envolvimento emocional e labiríntico através de um revivalismo específico e fictício de uma memória cultural colectiva, o cinema. Não se trata de um remake de cenas, mas antes, de uma memória transformada, em que os dois filmes citados e apropriados se entrecem de forma misteriosa.

A análise detalhada de expressão de actores e planificação filmica dos filmes *Solaris* e *L'Année Dernière a Marienbad* constituem a base para o tratamento visual e sonoro. Como nestes dois filmes, em *KINOTEL* competem enigma, sonho e realidade como ideias chave de reflexão cinematográfica. Como nestes dois filmes, o espectador é convidado a questionar a sua relação com a realidade.

Travellings lentos e compridos em corredores longos, vazios e salões palacianos e sobrecarregados, deslizando sobre tectos e superfícies

ornamentados, candelabros barrocos de cristal e pinturas filmados de baixo, espelhos como duplos das personagens, espelhos como visão expressiva da acção, caras como máscaras sem expressão e total viragem para o interior, mudança de guarda-roupa como mudança temporal sem mudança espacial, de gesto ou expressão do actor, diálogos repetidos e em *voice over* e ruídos electrónicos no som são algumas das chaves de realização. Os actores, às vezes, param no meio do movimento como se fossem congelados no tempo e repetem constantemente o mesmo diálogo. A realidade filmica torna-se espaço de memória e sonho.

*KINOTEL* é todo fotografado a **preto e branco** para que ressalte o seu carácter de revivalismo cinematográfico.





### NOTAS SOBRE A MÚSICA:

O compositor associado a este projecto é Christoph Korn, que já colaborou com Christine Reeh em vários filmes (“Exile” 2000, “Requiem für meine Mutter” 2002, “ e “Waiting for Europe” 2006). Christoph trabalha como artista audio: realiza peças para rádio e instalações audio, performa concertos e teatro de música electrónica (ver: [www.christophkorn.de](http://www.christophkorn.de)). Christoph é professor de estética em Frankfurt a.M. e docente convidado da Faculdade de Belas Artes do Porto. O seu trabalho artístico centra-se genericamente em “trabalhar sobre a história”. Christoph é um artista e compositor conceptual. O desafio lançado para ele neste projecto é de conceber a banda sonora do filme ao retrabalhar as bandas sonoras e músicas dos filmes *Solaris* e *L’Année Dernière a Marienbad*, sendo o próprio *KINOTEL* uma memória histórica destes dois filmes de cinema.

## NOTAS SOBRE OS DÉCORS:



**A entrada do Kinotel:** arquitectura futurista, Corredores compridos. Formas orgânicas, mas divisão espacial clara e linear.

LOCAIS DE RODAGEM: GARE DE ORIENTE LISBOA,

**O Kinotel por dentro:** classicismo intemporal de um hotel de luxo contemporâneo, que valoriza conforto antiquado. Em homenagem à estação espacial de *Solaris* e à célula de morte de *2001: A space Odyssey*, as cores do quarto serão em tons claros e brancos.



(exemplo do ambiente que se pretende)

LOCAL DE RODAGEM: HOTEL DOM PEDRO V, LISBOA

**O castelo de sonho:** corredores compridos, salões exaustivos, ornamentação sobrecarregada. Nas paredes adornadas encontram-se espelhos e pinturas. Dos tectos ornamentados penduram candelabros pesados de cristal.



LOCAL DE RODAGEM: PALÁCIO DE QUELUZ





**O misterioso poço de escadas:** uma torre subterrânea de carácter medieval, com paredes húmidas e musgo. Escuro e angustiante.

LOCAL DE RODAGEM:  
POÇO INICIÁTICO DA QUINTA DA REGALEIRA EM SINTRA

## **ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO**

### **1. INT. - HALL DE ENTRADA DO KINOTEL - DIA**

Fade in sobre imagem.

Estamos num hall luminoso de vidro, de forma comprida e com tecto abobadado. Ao centro erguem-se colunas redondas de metal, portas de elevadores.

Apenas uma duzia de pessoas se encontra no hall, todas vestidas de forma elegante e com ar futurista, conversando baixinho a dois ou a três, paradas em grupos. Travelling longo e lento por entre as pessoas. Todos parecem ter uma máscara de indiferença. Diálogos sobrepostos e separados da imagem. De vez em quando, as pessoas param no seu movimento e olham para o vazio, para, uns segundos depois, retomar a conversa. "ENTRADA KINOTEL" dizem as inscrições brilhantes nas portas dos elevadores.

Entre as pessoas um Homem e uma Mulher, com trinta e poucos anos, em frente de uma das entradas do Kinotel. O Homem tem o cabelo penteado para trás e veste um fato escuro clássico. O cabelo comprido da Mulher está enrolado num penteado artístico e os seus olhos claros, metálicos, são sublinhados pelo seu vestido cintilante. Estão à espera do elevador, falando baixinho um com o outro, sem percebermos a sua conversa. Apenas um riso claro de mulher se distingue do murmúrio geral.

Quando a porta se abre, o Homem e a Mulher entram no elevador. A porta volta a fechar-se atrás deles.

## 2. INT. - QUARTO DE KINOTEL - DIA

Fade in do branco.

Estamos num quarto espaçoso de casal, tipo hotel, com mobiliário luxuoso de estilo clássico, parecendo antiquado, embora decorado em branco. Cortinas pesadas tapam a janela, espelhos compridos decoram as paredes. Neles reflecte-se o quarto, várias vezes. Por baixo de cada espelho encontra-se um quadro metálico com botões eléctricos, de várias tonalidades. No centro, virado para a cama, está um grande ecrã plasma que domina o quarto.

A Mulher está em frente de um dos espelhos onde se vê a si própria espelhada infinitamente, através de outro espelho. Em silêncio, ela parece mergulhada em si mesma. De repente, vira-se para o Homem, parece que tem medo, depois a cara volta para a mesma indiferença.

O Homem está a despir-se, no outro lado do quarto, e não presta qualquer atenção à Mulher.

A Mulher começa a fazer o mesmo. Ambos se despem em silêncio, em dois cantos diferentes do quarto, com movimentos mecânicos mas cuidadosos, e sem espreitar os seus corpos nus, como se obedecessem a um ritual secreto.

Em cima da cama estão dois pijamas claros, como num hospital, embrulhados em plástico. O Homem e a Mulher tiram os pijamas e vestem-nos.

A Mulher solta os cabelos, vai para perto de um dos espelhos centrais e pressiona um botão. No silêncio profundo do quarto ouve-se o baixo sussurrar de um

aparelho que está a ser ligado e, finalmente, uma luz no ecrã plasma acende-se com um bip. Como num ritual, o Homem e a Mulher aproximam-se da cama, deitam-se cuidadosamente sobre ela e acomodam-se uma posição confortável, um ao lado do outro, virados para o ecrã. Assim permanecem, esperando, sem se mexer. O ecrã plasma pisca e apita. Depois, silêncio.

De repente, o Homem e a Mulher começam a falar, os olhos fixados no ecrã, mecânicamente e sem qualquer expressão emocional. Durante o diálogo que se segue, a imagem está sobre eles, sobre as suas caras adormecidas.

MULHER

Aonde estamos?

HOMEM

Não devíamos estar a dormir?

MULHER

Queres sempre que durma, porquê?  
Temos que falar...

HOMEM

Mas sobre quê...

MULHER

Não me conheço a mim própria. Tu conheces-te?

HOMEM

Como qualquer pessoa.

MULHER

Já não sei de onde venho.

HOMEM

Mas estás a falar de quê?

MULHER

Será que tu sabes?

HOMEM

Não percebo nada, mesmo nada desta conversa. Como é possível não saberes quem és? Como é possível não nos conhecermos a nós próprios?

Um barulho mecânico e grasnante interrompe o diálogo. O ecrã plasma pisca as palavras "INTERROMPIDO".

O Homem e a Mulher olham um para o outro, surpreendidos. Começam a mexer-se, cansados da posição fixa.

HOMEM

(inquieto)  
Não funcionou!

O ecrã plasma pisca agora a próxima ordem: "REPETIR".

MULHER

Provavelmente é normal.

HOMEM

Então porque é que interrompem a meio... ?

MULHER

Temos que nos concentrar mais, representar a cena de forma diferente.

HOMEM

Talvez mais... Olha, já está.

O ecrã está a grasnar, apresentando as letras "PREPARAR".

O Homem e a Mulher põem-se de novo em posição. Param de se movimentar, as caras sem qualquer expressão, os olhos fixos no ecrã.

MULHER

(sem expressão)  
Aonde estamos?

Fade out.

### 3. INT. - QUARTO DE KINOTEL - DIA

Fade-in.

Passou algum tempo. O Homem e a Mulher estão sentados em cima da cama, desta vez virados para outro espelho, que agora reflecte o ecrã. O ecrã está a piscar.

MULHER

Já é a quinta vez!

Ouve-se o bip que permite a ambos congelar a sua pose. Como se vê através do espelho, no ecrã está escrito, palavra por palavra o diálogo, que o Homem e a Mulher estão nitidamente a ler.

MULHER

(como a acordar de um sonho)  
Aonde estamos?

HOMEM

Porquê não estás a dormir?

MULHER

Queres sempre que durma.  
Temos que falar...

HOMEM

Mas sobre o que é que queres falar?

MULHER

Não me conheço a mim própria. Tu conheces-te?

HOMEM

Como qualquer pessoa...

Mas desta vez, enquanto repetem as linhas de diálogo, aparecem no quarto em diferentes lugares e posições: às vezes deitados, às vezes de pé, às vezes encostados à parede. (A lógica de montagem é a de jump-cut.)

MULHER

Já não sei de onde venho...

HOMEM

(impaciente)

Mas estás a falar de quê?

MULHER

Será que tu sabes?

HOMEM

Não percebo nada de nada nesta conversa. Como é possível não saberes quem és? Como é possível não nos conhecermos a nós próprios!

MULHER

(agressiva)

Não queres. Tens medo!

A Mulher começa a rir-se nervosa. O Homem olha-a assustado.

Mais uma vez, o ecrã plasma interrompe a grasnar e manda repetir.

A Mulher começa a chorar, senta-se no chão.

O Homem, agora no outro lado do quarto, começa a andar nervoso de um lado para o outro.

HOMEM

Acalma-te. Não há razão para tanto..

O ecrã, de novo, começa a piscar e a bipar.

Fade a branco.

#### 4. INT. - CASTELO DE SONHO - DIA

Fade in do branco.

De repente, o Homem e a Mulher estão num outro espaço. Estão vestidos de forma diferente. O Homem veste um pijama escuro, a mulher um vestido claro de crochet com mangas largas, os seus cabelos estão mais molhados.

É como se deslizassem lentamente pelo fluxo de salões e salas e corredores longos de um castelo silencioso, como numa paisagem de sonhos, as cabeças levantadas, em poses fixas, admirados, mergulhados naquilo que vêem. Baixinho, ouve-se o murmúrio de um monólogo sobreposto repetidamente, de vozes masculinas a sussurrar, apenas percebemos fragmentos.

#### VOZES

Escavar a memória. Uma arqueologia da cultura...  
Onde os corredores intermináveis e salões  
seguem corredores longos, silenciosos,  
desertos... Os salões sobrecarregados,  
luxuosos, barrocos...  
Colunas, um quadro imenso cultivado dos mortos.  
Escavar a memória das sombras... corredores  
intermináveis...

Travellings compridos e lentos deslizam, vistos de baixo, sobre tectos e paredes sobrecarregados com adornos, pinturas, relevos, padrões, espelhos e candeeiros cristalinos, de luxúria barroca.

O diálogo continua em voz *off*, por cima do murmúrio.

#### MULHER

(angustiada)

Kris, Aonde estamos, Kris?

HOMEM

Porquê me chamas Kris?  
E porque não estás a dormir?

MULHER

Não podes sempre querer que eu durma..  
Temos que falar...

HOMEM

Mas sobre o que é que queres falar?

O Homem e a Mulher olham um para o outro. Encontram-se parados, à frente de um espelho enorme, pendurado na parede de um salão comprido, completamente vazio.

A Mulher fixa o seu olhar na sua própria imagem espelhada, que é interrompida em parte pelas manchas negras e filigranas da antiguidade do espelho.

MULHER

(com a voz a tremer)

Não me conheço a mim própria. Tu conheces-te?  
Tu sabes quem és, Kris?

O Homem coloca-lhe, por trás, a sua mão no ombro. Ele aparece duas vezes no enquadramento, ela apenas uma vez, no espelho. Flash de segundos do mesmo plano do filme Solaris, com Hari e Kris. Com o seu toque, a Mulher estremece como num susto.

HOMEM

Como qualquer pessoa...

A Mulher e Hari de Solaris viram-se ao mesmo tempo. A Mulher olha para o Homem, avança para o meio da sala, onde fica parada. Ela olha em redor pela sala e começa a virar-se. Ou é a sala que está a virar-se a volta dela?

MULHER

(em grande plano e com voz adormecida)

Já não sei de onde venho...

De novo longos travellings a deslizar lentamente pelos tectos e paredes de um novo fluxo de salas e salões e corredores silenciosos e vazios.

Mais uma vez, o diálogo continua em *voz off*.

HOMEM

(impaciente)

Outra vez esta conversa. Mas estás a falar de quê?

MULHER

(tensa)

Será que tu sabes?

HOMEM

(irritado)

Não percebo nada de nada da tua conversa! Como é possível não saberes quem és? Como é possível não nos conhecermos a nós próprios!

Grande plano da Mulher, o fundo é incerto e escuro.

MULHER

(vacilante)

Não queres. Tens medo. Sinto-me tão ... vazia... Não sou a Hari. Hari já morreu...

HOMEM

A Hari...?

Ela repete a sua última frase duas vezes, com entonação diferente e lágrimas nos olhos.

MULHER

Não sou a Hari. Hari já morreu...  
Não sou a Hari. Hari já morreu...

A Mulher perde o seu olhar no vazio.

HOMEM

(voz off)

Deve ser assim, quando se tem tempo a mais...

A Mulher levanta lentamente a cabeça, fixa o seu olhar no Homem. O Homem responde ao seu olhar fixo. Silêncio.

MULHER

(de repente agressiva)

Foi por isso que ela se envenenou?

HOMEM

(assustado)

Quem é que te disse isso...?

A Mulher, olha-o estranhamente, os olhos abertos de medo, como se estivesse a espera que ele lhe batesse. De repente está vestida de preto, um vestido comprido com brilho e sem mangas, embora não tivesse mudado de pose ou expressão.

## **5 - EXT. - ESCADA DE CARACOL NO POÇO - NOITE / DIA**

Caras de esculturas brancas de deuses clareiam segundos no escuro, uma atrás da outra.

O Homem e a Mulher descem uma escada de caracol num poço redondo de escada, estranhamente escuro, antigo e húmido, com as pedras antigas à vista. A Mulher continua a estar vestida de preto. Anda rapidamente como se fugisse, o Homem dois passos atrás dela, perseguindo-a.

MULHER

(voice over)

Acho que fomos enganados... E quanto mais tempo isto demora, pior vai acabar tudo!

O Homem ultrapassa-a e pára ao pé dela, rudemente agarra-a no braço.

HOMEM

O que é que estás a dizer?

A Mulher tenta libertar-se.

MULHER

Deixa-me... Porque é que ela o fez...?!

A Mulher começa a bater no Homem. Ele deixa o braço dela, ela pára.

HOMEM

Ela deve ter adivinhado, que não a amava de verdade.

Silêncio. É lhe difícil continuar.

HOMEM

Mas agora... agora amo-te a ti.

A Mulher abraça o Homem, encosta a sua cabeça nos seus ombros. Ele fecha os olhos. O abraço continua, mas, de repente, faz um jump-cut, para outra posição, a mulher nos braços do Homem. Ficam assim durante um momento.

MULHER

Kris!

HOMEM

Sim?

MULHER

Amo-te.

HOMEM

Agora dorme...

## **6. INT. - QUARTO DE KINOTEL - DIA**

O Homem e a Mulher "acordam" no seu quarto de Kinotel, deitados em cima da cama, abraçados, a mulher meia em cima do homem. Ambos estão ainda de olhos fechados.

MULHER

(ao abrir lentamente os olhos)

Não consigo dormir. Isto não é um sonho... Trata-se de uma coisa muito mais importante do que eu própria.

O ecrã de plasma pisca e vermelho e forma as letras "FIM DAS FILMAGENS". As luzes dos espelhos apagam-se.

MULHER

(a sussurar)

Afinal deve ser sonho...

O Homem e a Mulher fitam-se com espanto ao abrir os olhos. As suas caras relaxam da expressão intensa, ficam com a máscara de indiferença do início. Em silêncio levantam-se, distanciam-se, algo os envergonha.

Mecanicamente tiram os pijamas e voltam a vestir as suas roupas. Ela olha-o, de forma dissimulada, incrédula, mas baixa os olhos quando o olhar dele a apanha, com uma frieza quase ameaçadora que a petrifica durante um momento.

## **7. INT. - CORREDOR DO KINOTEL - DIA**

O Homem e a Mulher saem de um quarto para o corredor. É um corredor comprido e espaçoso, com um número infinito de portas de quartos de ambos os lados. Em cada uma das portas está instalada uma etiqueta por cima de uma caixa grande mas plana.

Na porta do quarto do Homem e da Mulher está escrito:  
SOLARIS, Kris e Hari, 1972.

Uma luz da caixa começa a piscar. O Homem e a Mulher  
entreolham-se. O Homem sorri durante um instante.

O Homem abre a caixa e tira-lhe um envelope quadrado que  
parece conter um disco liso, similar a um DVD.

MULHER

Achas que é mesmo?

HOMEM

Daquilo que tenho visto... Nós somos o Kris e a  
Hari...

A Mulher sorri contente. O Homem olha para a Mulher, e  
com uma mão, afaga o rosto dela.

Descem lentamente e em silêncio o longo corredor, sem se  
olharem, as caras sérias, e à sua passagem lêem-se nas  
etiquetas dos quartos outros nomes de filmes:

"Gone with the wind",  
"L'année dernière a Marienbad",  
"The Purple Rose of Cairo",  
"Satiricon",  
"Casablanca",  
"Metropolis", ... .

Das imensas portas sai o murmúrio de diálogos de filmes  
sobrepostos.

FIM